

são pessoas muito boas, também... cada um vive a sua, não é? Isso tudo Valda, também [barulho], foi a educação nossa, porque a diferença de idade para vocês é muito grande.

V.: Hum, hum.

D.: Viu?

V.: Bom, voltando na formatura [risos]...

D.: ...é, isso aí eu fico devendo a vocês...

V.: ...tá.

D.: Mas tem, gente, mas tinha outro jornais! Ah!, nos tínhamos lá, no... volta...

V.: Não tem importância.

D.: Não está voltando não? Lá, na, lá na Rua do Chumbo, nós tínhamos o, voley. Jogávamos voley!

V.: Tinha piscina?

D.: Tinha piscina, mas quando nós fomos para lá já não usava a piscina. Não sei porque.

V.: Hum, hum.

D.: Agora, tinha voley! Nós jogávamos voley!

V.: No fim de semana.

D.: Às tardes.

V.: Às tardes livres?

D.: No início, no início assim... aí a gente tinha mais tempo, não é?

V.: Hum, hum.

D.: Jogava, tinha time de voley!

V.: Jogava como? Que roupa que usava?

D.: [risos] Era, era um, era, era, é um calção, quer dizer, tudo, não é?

V.: De uniforme.

D.: Uniforme, uma saia, é, como é que chamava? É, uma saia, como é que é? De prega.

G.: pregueada.

D.: E, a, a, a, o calção...

V.: Fofoca [risos]

D.: Era, tinha. Não tem nem um retrato, nada disso?

V.: Deve ter, dever ter.

G.: Tem! Tem lá naquela sala de memória da escola, algum retrato tem.

D.: Quem é que está tomando conta da sala de memória?

V.: Está parada, está fechada.

G.: Está ligada à diretoria, ela fica fechada.

D.: Ah! É essa, é, é, o, o [inaudível]

### *[INTERRUPÇÃO DA FITA]*

G.: D. Daura, a senhora estava falando do internato na Rua do Chumbo, a senhora, logo em 44 que a senhora entrou, 43...

D.: ...foi...

G.: ...44, a senhora foi morar no internato.

D.: Foi.

G.: Parece que em 47, é, houve um número maior de matrículas? Acho que foi no ano em que a senhora estava saindo.

D.: Foi.

G.: Não sei se a senhora se lembra? Parece que o internato, ele teve que...

D.: ...desmembrar.

G.: Desmembrar? A senhora lembra dessa...

D.: ...foi, aqui para a rua...

G.: Caetano Dias.

D.: Não lembro.

V.: Da Bahia.

G.: Rua da Bahia?

D.: Rua da Bahia! Para a Rua da Bahia, é. Aí então teve Rua da Bahia... ali, hoje, hoje é o Colégio Imaculada. É, hoje é o Colégio Imaculada! Quer dizer, botaram tudo abaixo. Então ali, ali tinha uma parte do internato, tinha uma parte, a gente tinha aula lá, na Rua da Bahia também. Viu?

G.: A senhora pegou esse período então também, de aula na Rua da Bahia também?

D.: Bom, isso também. E tinha uma outra, na Avenida Getúlio Vargas, também nós tínhamos umas aulas lá na Avenida Getúlio Vargas. Ali bem pertinho do... Avenida Getúlio Vargas, bem pertinho do, do Colégio Arnaldo. Tínhamos aula ali. É, eram, eram poucas salas. Tinha a secretaria, e... umas quatro ou cinco salas de aula, nós tínhamos lá.

V.: E a senhora continuou na Rua do Chumbo?

D.: Continuava lá no internato. Vinha ter aula e voltava. Ah! Isso aí já foi...

V.: ...terminado o curso, quando terminou a senhora se sentiu preparada para começar a trabalhar? Tipo, estou boa. Sei começar! Posso começar!

D.: Ainda não! Mas foi um... os, os estágios que nós fizemos foram ótimos. O estágio lá, na, na, no Odilon Behrens, lá na, em Rio Acima. Odilon Behrens, Rio Acima. Muitas vezes a gente, tinha, o, o, o Pronto Socorro. Viu? Isso nós tínhamos. O Pronto Socorro. O Hospital São Vicente. Aí... tínhamos... tínhamos mais condições... sabe? Por que havia... não sei se havia na... porque a gente muitas vezes era jogada!

V.: No estágio...

D.: ...é, muitas vezes jogada. Viu? Então, nós tínhamos, nós tínhamos mais condições, viu?

V.: É, jogada, a senhora quer dizer, que começava o estágio, não tinha professor para acompanhar?

D.: Não! Tinha professor, mas por exemplo no, no, assim, tínhamos sempre. Sempre as mais novas eram acompanhadas pelas...

V.: ...pelas mais velhas...

D.: ...tínhamos muito e nós tínhamos ótimas alunas. Viu? Muitas delas, é, elas já começavam o curso. Ô gente, dá licença, dá licença um pouquinho... [pausa] Ah! Não, nós sempre...

V.: ...como é que é ser jogada, como é que era isso?

D.: Esse ser jogada era, era uma espécie de jogo mesmo, viu? Por que nós tínhamos sempre as alunas, preparadas, e muitas já eram, já eram, eram funcionárias, antigas funcionárias. As de Teófilo Otoni, Teófilo Otoni eram ótimas. Então, essas na verdade, essas é que eram procuradas mesmo, para o Centro Cirúrgico. Lógico, né. Essas já vinham com certo preparo [barulho de fundo, conversa], com a prática, já vinham com a prática. Aí agora a teoria, eram ótimas alunas.

V.: Só para entender. Elas vinham de Teófilo Otoni antes de começar o curso, já trabalhavam lá?

D.: Já! Em hospitais!

V.: Era como se fossem os atendentes de hoje?

D.: É, em hospitais lá, mas já com, por exemplo, responsáveis, chefes lá.

V.: Ah!

D.: Então eram ótimas profissionais mesmo! Sabe? Então, essa parte é, é, é, essa parte prática e depois tivemos a técnica e tudo, então essas eram as melhores, então a gente socorria a elas mesmo, né?

V.: É. [barulho de fundo] A senhora de formou em agosto de 47 e começou a trabalhar na escola em dezembro de 50, é que nós temos registrado. O que a senhora fez nesse período?

D.: Bom, casei [risos]. Infelizmente [risos]. Eu ia falar outra coisa [risos]. Eu fui para Leopoldina como visitadora. É, como enfermeira visitadora para Leopoldina. Aí eu fiquei [barulho de fundo] um... 47, foi um ano.

V.: Quarenta e sete, cinqüenta.

D.: É sim! Por que eu casei em 48, eu casei, em dezembro de 48. Lá, é, como enfermeira visitadora no Centro de Saúde. Aí eu tive ótimo, um, um uma médica e um médico, além de chefes, nós éramos muito amigos, também. Então eu tive uma boa prática lá, sabe? E ficava, trabalhava em... como é que chama? Para criança gente?

G.: Vacinação?

D.: É, é, é, era...

V.: ...puericultura.

D.: É, é.

G.: Puericultura.

D.: É, centro de saúde. Então, então eu fiquei mais na parte de puericultura. E, é de tarde, e, e, depois eu ia fazer minhas visitas. Depois eu fui pró Centro de Saúde mesmo. No Centro de Saúde lá, de, de, de Leopoldina. Aí teve, é, quando eu, eu ia me casar, a gente não sabe direito, né. É que veio uma, uma chuva horrorosa, uma tempestade horrível. Eu já, em férias, é férias, e já para casamento, tive que voltar para trabalhar porque não tive, primeiro não tive condições de, não, não houve casamento

nessa época. É. Estava marcado o casamento, não houve. Então tive que voltar. Aí, é que teve o, o, o, uma coisa de vacinação.

V.: Campanha.

D.: Uma campanha de vacinação por causa da enchente [barulho]. É, isso em Leopoldina. Bom, quando eu vim para cá, casei e vim para cá, o Baeta Viana [diretor da Faculdade de Medicina] não quis dar, não quis que eu continuasse na escola. Não! não quis que eu continuasse no Estado, é, não quis que eu continuasse no Estado como casada, enfermeira visitadora casada. Então eu fui convidada para a escola. Mexi meus pauzinhos também! Mas fui convidada para a escola. E foi a minha sorte. Aí é que eu entrei para a escola. Mas é, o Baeta Viana... eu era casada.

V.: ...impediu. [risos]

G.: Quer dizer que enfermeira que era casada não poderia ser visitadora sanitária?

D.: Não! Não.

V.: A senhora veio fazer o curso foi na prefeitura. Quando a senhora voltou teve que trabalhar para pagar isso, não teve nada a ver?

D.: Não! Não tive. É, fiquei lá, fiquei lá...

**[FINAL DA FITA 1 - LADO B]**

**FITA 2 - LADO A**

G.: A senhora estava falando que a senhora veio para fazer enfermagem com a bolsa da prefeitura de Leopoldina, não é? Que não houve necessidade de fazer um retorno. Quer dizer que não havia esse compromisso...

D.: ...não...

G.: ...com a bolsa de estudos, de retornar...

D...não...

G.: ...e ser obrigada a trabalhar vinculada à prefeitura.

D.: Não. Assim, outras também! Outras também que vieram por Divinópolis, umas ficaram em Divinópolis. Outras não! É. Então não te... não tinha.

V.: Então agora nós estamos na década de 50, a senhora está entrando na escola de

enfermagem! [risos]

D.: Como professora.

V.: Como professora, exato.

D.: Vamos parar um pouquinho?

V.: Então vamos parar agora.

*[INTERRUPÇÃO DA FITA]*

V.: Como é que a senhora começou na escola de enfermagem em 1950?

D.: Cinquenta era, aí já era, já em 50 já era a Irmã Vilac?

V.: Era.

D.: Era. A irmã Vilac, Nossa Senhora! Era, era uma ótima pessoa. Amiga, então, é, é essa [irmã Vilac], essa, ela... sempre elevando a, a enfermagem. Sempre! Ela convidava muito, levava muito, isso é já era casada, né. Ela levava grupos de alunos a São Paulo. A família dela de dinheiro, tudo bem, tudo. Levava em férias, excursões, sabe? E essa sempre elevando a profissão. E ela... Aí eu acho que começou mesmo um período muito bom! Para a escola.

V.: Hum, hum! Ela era diretora também da Cruz Vermelha? E também do Hospital das Clínicas?

D.: É, é, era, era, nessa época era, era o Hospital São Vicente de Paulo.

V.: Certo.

D.: Era o Hospital São Vicente de Paulo.

V.: Hum, hum!

D.: Então, é... no lado das irmãs, quer dizer, aí havia muito, um bom entrosamento entre elas, não é? Então foi um período muito bom. Mas assim, nós tínhamos, e, e a secretaria era lá no Hospital São Vicente velho, a secretaria. Tínhamos uma parte de, tinha um cafezinho lá, o refeitório, com os médicos. Ôh gente! Mas como aluna eu acho que eu não acabei também não!

V.: O que a senhora quer voltar a falar das alunas?

D.: É, é.

V.: Pode voltar.

D.: Lá no Municipal! Lá no Municipal, nós tínhamos o, almoço, as refeições com os médicos de lá...

V.: ...os alunos, ou...

D.: ...não! Os médicos. Os residentes e os médicos do Hospital das Clí... do...

V.: ...Odilon.

D.: Odilon Behrens. Isso quando alunas.

V.: Certo.

D.: É, isso aí é bom frisar!

V.: É só alunos de enfermagem, ou os outros alunos também?

D.: Não! Só os residentes, lá na, na, do Hospital, da prefeitura... tinha os residentes re... é, não, não, não eram recém formado não, residentes. Não. era, era residentes e os médicos mesmo. Então era um refeitório grande. Tinha a mesa deles e tinha a nossa mesa, né. E a gente fazia, almoçava. É. Isso aí é bom frisar.

V.: Então?

D.: É 50, nós já estamos nos 50 com a irmã...

V.: Era diferente o, o, o, a senhora estava falando do refeitório, não é? Do Hospital das Clíni... São Vicente, que vocês tinham a refeição juntas, com café.

D.: Ah, sim! Aquilo!

V.: Era diferente enquanto aluno, no tempo do aluno?

D.: Ah, o alu... bom, eu aí já era professora.

V.: Professora! Exato. E os alunos tomavam café junto com os professores e os médicos?

D.: Quem que eram os alunos? Eu tenho a impressão, eu tenho a impressão que os alunos tinham um refeitório lá embaixo. Não tenho certeza não! É, põe aí, põe aí para você... dona Rosa sabe disso tudo! Como é que era o refeitório de, de alunos, refeitório dos alunos é, é no Hospital São Vicente velho. É, porque eu me lembro muito bem dos médicos e nós. Era assim, a parte de cima. Aluno eu não estou lembrando direito não. É. Bom. Aí eu fiquei muito tempo, assim como... fiz o curso de biblioteconomia! Curso intensivo de biblioteconomia pela, isso a irmã, irmã... Villac. É, nós éramos assim [gesto com as mãos]. Mas ela protegia todos. Então, eu, eu fiz o curso de biblioteconomia. Curso intensivo de biblioteconomia. Então eu fiquei depois com na

biblioteca e, fazendo estágios também, em bibliotecas. Eu fiz estágio aqui, na escola, na escola de, de engenharia de engenharia, e, lá na biblioteca da medicina. Fiz estágio e tudo. Aí eu comecei... implantei, comecei a implantar o, o método na, no, no, na como é que chama? Na biblioteca! É, (...) direitinho.

V.: Da escola ou do...

D.: ...da escola de enfermagem.

V.: Da escola de enfermagem.

D.: É. Começamos, tá, com aquele... hoje eu acho que jogaram fora, não sei! Agora hoje tá tudo lá na medicina.

D.: Mas nós tínhamos! Outra coisa também [batendo na mesa], que não devia ter saído da escola de enfermagem, a parte de enfermagem! A biblioteca da enfermagem! Não devia ter saído! De jeito nenhum! Então, houve lá um consenso, não sei de onde, que tinha que passar para a medicina! Não tinha necessidade!

G.: Por que que a senhora acha que não deveria ter ido para a Medicina. Como que a senhora vê isso?

D.: Eu vejo, na época. Hoje eu não sei como é que está. Diluiu! Diluiu! Então, hoje eu não sei se vocês tem liberdade, tem a mesma liberdade? Tem? Não sei, porque. Nós ali, qualquer folguinha a gente ia para a, a, a biblioteca! Não é?

G.: Era próxima, não era?

D.: Era próxima. Então, não sei. Isso é uma coisa também que... se alguém me der mais razões do que isso, tudo bem!

G.: Isso nessa época, em 50, a senhora ainda esta, aí a senhora como professora, ainda, onde é que eram as aulas, nesse período?

D.: Esse, nesse período as aulas eram... bom, aí...

V.: ...a senhora ficou na biblioteca.

D.: É, fiquei na biblioteca.

V.: Depois que ficou na biblioteca...

D.: Eu, eu fiquei na biblioteca. Fiquei na... vinha dar umas aulas para as alunas. Vinha, dar umas aulas para as alunas, ah, na, na, no São Vicente velho. Tinha uma das salas que era técnica de enfermagem, que era a nossa, a nossa disciplina, não é? É, era tudo desmembrado, desmembrado. Era técnica de enfermagem, técnica de ataduras, drogas



e soluções, e, e tinha uma outra. É, eu dava essas... e higiene. Higiene individual. Essas, é, essas quatro disciplinas desmembradas. Viu?

*[FINAL DA ENTREVISTA]*

*[FITA 2 - LADO B NÃO FOI GRAVADA]*

*FITA 3 - LADO A*

Valda: D. Daura, a primeira entrevista nós terminamos contando... a senhora contando prá gente a história até 1950, quando a senhora voltou e começou a trabalhar na Escola, certo?

D. Daura: Hum, hum.

V.: E daí, como é que foi o início da senhora na Escola, como... como professora? Quais os cargos que a senhora exerceu?

D.: Em 1950, é, eu devo ter feito nesta ocasião um, um curso, acho que já falei isto não? É, um curso em, assim, sobre biblioteca, não é? Então eu fiquei com a parte da biblioteca. Eu fiquei, eu fui, a várias bibliotecas. E fiz o curso aqui na, na, como é que chama gente? Aqui gente, na Secretaria... não aqui!

V.: No Instituto de Educação?

D.: No Instituto de Educação, eu fiz o curso no Instituto de Educação. E fiz assim, vários, várias bibliotecas, inclusive na da Engenharia, fui muito bem recebida. Aqui na Medicina. Nós então fizemos assim, tentamos colocar em prática, né. É, e fiquei bastante tempo na biblioteca. Não sei se foi também uma, isso que me prejudicou, me prejudicou um pouco quanto a, a parte de professora, né. Por que, depois, mas isso aí foi no tempo da Irmã... Villac. É, Irmã Villac. Então, eu, eu não digo que me prejudicou porque ela em absoluto, ela não me prejudicou em nada. Bom, mas agora, a parte mesmo de professora, né, é que ficou assim, um pouco falha. Nessa parte. Bom, depois, eu, a, as disciplinas, que eu dava naquela época era, era Técnicas de

Enfermagem, Drogas e Soluções, Higiene Individual, e Técnica de Ataduras, é. Depois é que ficou tudo englobado no, em Métodos e Técnicas, né. Aí...

V.: Nesse, quando a senhora fala que a senhora acha que ficou prejudicada em relação à docência, né?

D.: É.

V.: Em que sentido que a senhora acha que poderia, que a senhora ficou prejudicada?

D.: Olha, teve uma época, mais eu não, é como Dona Rosa disse: “A gente não ficava sabendo de nada, não apurava nada.” Talvez isso também seja o meu modo, sabe? É, e, também a gente procurava só... Teve uma ocasião que... foi, foi, porque eu sou professor assistente. Mas teve uma ocasião que foi feito um processo para professor, me parece que para Professor Adjunto e, esse processo, o nosso, e eu acredito que seja mais algumas professoras, ficou foi engavetado. E nessa ocasião, isso eu me lembro, porque quando eu soube que ficou engavetado, já era outra diretora, leiga mesmo; não vou falar o nome não! Aí me aborreci demais, sabe?

V.: E na carreira universitária, enquanto, enquanto professora.

D.: É, é.

V.: a senhora. quer dizer?

D.: É porque... eu, eu, acredito assim, sabe? Que são coisas, isso, eu, eu, preocupo assim: “Vocês procurem ver seus direitos”. [batendo com as mãos na mesa] E um papel engavetado!? Por que? Qual a razão? E não deram razão nem nada não! Sabe? Então depois de muito tempo é que nós sabemos [estalando os dedos]. Crentes que estava, nós não tínhamos esta facilidade que depois, né. Depois, no final que eu terminei em 1981, né. Que eu falei. Então, hoje por exemplo o, a, é, a gente vai lá no, no, no serviço de pessoal da Universidade, a gente é muito bem tratada. Naquela época não! Ia..., ah! Era aqui na Faculdade de Medicina. Nossa Senhora! A gente ia na Faculdade de Medicina; teve uma época, eu doente, doente [batendo as mãos na mesa] e, é, estava em licença; ham [batendo as mãos na mesa].Iam cortar meus dias. Não sei quando, uma funcionária da faculdade é que me telefonou: “Dona Daura, o quê que tá acontecendo?” “Não tá acontecendo nada, eu estou é doente e, em licença.” “Não, a senhora, faça o favor, a senhora vem aqui prá ver!” Desse jeito! [batendo as mãos na

mesa] Hoje não, você vai a, ao ser, ao serviço, à Seção de Pessoal da Universidade Federal, cê tem todas as informações. Bom, então eu digo nesse sentido.

V.: De organização da instituição?

D.: Eu não sei se é organização da instituição, ou são as pessoas [batendo com as mãos na mesa]. Eu refiro mais às pessoas... viu? É que prejud... eram prejudiciais [batendo com as mãos na mesa].

Geralda: A senhora falou aí da relação da Escola com a Faculdade de Medicina.

D.: Hum, hum.

G.: Nesse período, a partir de 1950, quando a Escola foi anexada à Faculdade de Medicina, qual que foi a, participação da senhora, ou melhor, o que que a senhora se lembra dessa época? Dessa, da anexação da Escola à Faculdade de Medicina. Se mudou alguma coisa em relação ao ensino à prática, ao ensino teórico, ao ensino prático?

D.: Não! Nesse ponto não, sabe? E como eu fa... eu digo sempre, eu refiro às pessoas, sabe? Não é que... é porque hoje, por exemplo, não sei se, se as coisas... bom, atualmente eu não sei, mas depois de algum tempo, eu mesma como professora e tudo, porque eu fiquei trinta e quatro anos na Escola de Enfermagem, além do curso que foram de quatro anos, né. Então, o que eu, não somente eu, como muitas pessoas sentem, é a que, a difi... a dificuldade [batendo com as mãos na mesa] de certas pessoas, as barreiras que certas pessoas punham no meio do nosso caminho [batendo com as mãos na mesa].

V.: De algumas pessoas, né?

D.: De algumas pessoas!

G.: A senhora acha que então, que nessa época, as relações de trabalho, elas se davam mais a nível pessoal do que a nível profissional?

D.: Era, era nesse ponto, viu? É. Porque hoje eu fico pensando, viu, dona Rosa, naquele tempo nosso, de aluna e tudo. [batendo com as mãos na mesa] Muito respei... ela era muito respeitada e muito estimada também, é. Depois ficou, ela ficou bastante tempo na, no, no, no Hospital das Clínicas, mas ainda continuando sendo estimada [batendo com as mãos na mesa] e respeitada, sabe? Então é nesse ponto que eu acho.

[pausa]

V.: D. Daura, a senhora se lembra das viagens que se fazia aqui na Escola, na época por exemplo, de 50, na década de 50, docentes e alunas iam... por exemplo, a Juiz de Fora, Ponte Nova? A senhora se lembra deste período?

D.: Não. Lembro muito da ocasião da Irmã Villac, eu nunca que podia ir, mas ei... isso aí era uma coisa pessoal, é, era a minha, minha impossibilidade, viu?

V.: Hum, hum.

D.: É, mas então a Irmã Villac, lembro muito disso, ela levava as alunas a São Paulo, ela morava, a família dela era de São Paulo, ela dev... ela levava prá São Paulo, sabe? Assim, era congresso, nem lembro bem se era congresso, o que que era não.

V.: Hum, hum.

D.: Eu então não fazia parte, mas aí isso...

V.: ...problemas...

D.: ...problema meu, não é?

V.: Hum, hum.

D.: Não é que...

V.: ...é, a senhora se lembra das alunas Maria Purificação e Maria das Dores Guimarães?

D.: Lembro.

V.: Lembra? Tem alguma coisa especial em relação a elas no tempo de alunas? A senhora se lembra se teve algum problema? Como que elas eram, enquanto alunas?

D.: Boas alunas, Maria Purificação e...

V.: ...e Maria das Dores.

D.: Num, num lembro.

V.: Elas eram internas?

D.: Ah! Não estou lembrando. Lembro de todas as duas, mas assim, num, num caso assim marcante não lembro.

V.: Não, né?

D.: Não.

V.: É... em 1955 e 1960, Belo Horizonte sediou dois Congressos Brasileiros de Enfermagem. A senhora se lembra se a Escola participou da organização, ou a senhora mesmo desse Congresso?

D.: Ô, ô Valda, sempre, sempre a Escola participava, viu? É, mas é como eu digo: “A minha parte é que era prejudicada. Mas é problema pessoal.”

V.: Por que, a senhora num estava com filhos? Casada? Ou...

D.: ...é, o marido.

V.: O marido. [risos] Ele não deixava.

D.: É.

V.: Em 1956...

D.: ...olha, quer ver...

V.: ...tá.

D.: O, o primeiro Congresso em, em, em Pê... da Quitandinha. É, 1º Congresso da Quitandinha, eu me inscrevi, fui para o Rio, é. Fui para o Rio e já, com tudo, é, com tudo assim marcado prá ir prá Quitandinha; ele foi atrás. Então, não pude fazer parte de coisa alguma. É, me inscrevi, tudo, tudo certinho. Alguma coisa sobre esse congresso eu ainda devo ter lá em casa, mas eu não achei. Procurei e não achei, sabe? Isso aí depois eu até gostaria de ver direito.

V.: Certo.

D.: Tá.

V.: A Escola, este prédio<sup>\*</sup>, começou a construção em 1958 e terminou em 72. A senhora se lembre desse período de construção da Escola?

D.: Olha, eu só me lembro do seguinte: que... eu ficava, é, teve uma parte que D. Rosa me deixou meio confusa porque nós tivemos o internato aqui, aqui na, na, era Cruz Vermelha. Eu fiquei confusa porque ela falou que não. Agora, teve também, internato na rua, na Av. Getúlio Vargas. Tem alguma coisa a respeito?

V.: É, correto.

D.: E, a, é pois é. E foi jogado, os livros da, da, Escola de Enfermagem, os livros da Biblioteca da Escola de Enfermagem, foram jogados num porão lá na Av. Getúlio Vargas. Em um porão lá. Isso aí me parece que já era Irmã Emília Clarízia, não?

V.: A senhora quer falar um pouco deste período do, da administração da Escola com a Irmã Emília Clarízia?

V.: Em 1968.

---

\* O atual prédio da Escola de Enfermagem da UFMG

D.: Eu acho que eu vou falar, sabe? Não gostaria, viu? Por que foi um período negro, que não deveria ter acontecido. Nós, sabe? Por isso é que eu digo sempre: “Omissão é uma coisa muito errada.” Se bem que não foram só as irmãs que prejudicaram a, a, a direção da Escola não. Mas então, foi joga... a, a, a, os livros da Escola de Enfermagem foram jogados num porão na Av. Getúlio Vargas. Não lembro o número. Então, eu ficava lá, ajeitando os livros e tudo. Vinha de lá prá dar aula. A, a, as minhas aulas lá na, no São Vicente Velho, é. Vinha, as vezes não voltava, mas as vezes tinha que voltar. Conforme o horário, então tinha que voltar lá prá Escola. Então foi um período negro para a Escola. Não devia ter, a... porque depois ela fez o curso, e a Irmã Emília fez um curso, fe... continuou fazendo um curso graças ao serviço das funcionárias da Escola de Enfermagem. Então, foi prejudicial mesmo! Para a Escola, em todos os sentidos.

V.: É, a construção, voltando à história da construção da Escola, né. Foi em 1962 que a Escola veio morar aqui\*. Ah! Que a Escola veio morar aqui. Que o internato veio prá cá. O prédio estava ainda em construção, não tinha aquela escada...\*\*

D.: Nada.

V.: Os, as salas de aula tudo inacabadas. Tinha a capela, gabinete, laboratórios, tudo no 2º andar. No 3º andar tinha a copa, refeitório, a clausura. No 4º andar era o internato.

D.: Isso. Era, era, é, agora que eu estou lembrando.

V.: Tá lembrada. No 5º e no 6º andar não tinha nada.

D.: Não.

V.: Estava ainda bem, era só até o 4º andar que funcionava.

D.: Isso.

V.: A senhora se lembra deste período aqui da Escola? Das dificuldade?

D.: É.

V.: Das alunas...

D.: ...o que eu sei a respeito de internato, que acabou o internato, o que eu soube na época. Porque depois acabou o internato.

V.: Em 1968.

\* Na Av. Alfredo Balena, 190 - Bairro Santa Efigênia/Belo Horizonte-MG

\*\* Que dá entrada à Escola de Enfermagem/UFGM

D.: É, acabou o internato. Agora, não sei se aí tem as razões porque acabaram o internato. Não tem nada?

V.: Não.

D.: O que eu soube é que as alunas tinham seus namorados, tudo bem, tudo bem, tudo, então o que eu soube, mas é como, nem tudo a gente apurava. Não tinha tempo, num, num, não sei porque não apurava. Então, é pela dificuldade, assim, de manter o internato, porque eram ra... eram moças, rapazes que namoravam e tudo. Então é só isso que eu sei a respeito do internato. Acabou por isso.

V.: Hum, hum.

D.: Agora, o, o, o que é verdade em tudo isso, eu não sei. Porque nunca a gente ficava sabendo. Infelizmente, né.

G.: O que a gente sabe de verdade ô, dona Daura, em termos de [inaudível] legais, é que com a reforma universitária, né. Com a mudança do curso, por que o internato era uma exigência na época em termos do currículo, fazia parte. Agora, com a reforma universitária não, não precisa... as escolas de enfermagem não precisavam mais de ter internato. Poderia ter essas outras razões que a senhora está dizendo aí também.

D.: Pois é.

G.: Mas em termos legais é por causa disso.

D.: Melhor. Então melhor.

V.: Nessa da... nessa época de 60, que mudou o nov... o currículo, né. Que começou a exigência para o curso de enfermagem ser, exigisse, exigiasse o 2º grau para os alunos entrarem na universidade, para a Escola de Enfermagem também. É...

**[INTERRUPÇÃO DA FITA]**

V.: É. Em 1961 com a reforma do Ensino, houve uma mudança do currículo da Enfermagem que passou então a se exigir o 2º grau completo para fazer o curso. Considerado a partir daí, universitário. A senhora se lembra do que mudou no ensino, neste período?

D.: Não lembro... Não.

V.: *Se, se, com relação aos estágios, ou as características dos alun... as alunas...*

D.: ...ah!...

V.: ...mudou alguma coisa em relação com as alunas, elas eram diferentes?

D.: Sei. Tivemos, tivemos a, é, isso é bom frisar. Tivemos a, [batendo com as mãos na mesa] a turma da Marisa, da Marilda, uma turma ótima, de um, de um nível muito bom. Muito bom, a turma dela, mas ótimas alunas em todos os sentidos. Ótimas, de... dedicadas. Mas eu num, num, num sei se a gente pode alegar esse motivo, né. Por que eu num, eu não vejo, porque nós tivemos ótimas alunas, e mesmo nessa turma eu, o que eu lembro assim, de um modo geral, era assim de um nível muito bom, entendeu? Por que depois nós tivemos mais outras alunas, a Paula, uma aluna Paula, ela não gostava de mim. Ela se achava muito superior, e eu fiquei muito feliz porque há pouco tempo, deve ter uma questão de uns cinco anos, eu encontrei com ela, me parece que ela casou e tudo, eu toquei nesse assunto com ela, sabe?

V.: Hum, hum.

D.: Ela parecia muito superior às professoras, sabe? Mas, eu não sei se é por causa... isso é, eu acho, eu, esse, eu, me, me parece que isso mais é, é parte mais assim, a educação de berço, das pessoas. Agora, tivemos ótimas, mesmo no, no, mesmo no meu tempo e, tivemos ótimas professoras que não tinham curso superior nem nada, mas eram pessoas de nível muito bom, entendeu? E, e, então eu não, não acho que seja por causa de... dessa coisa de vestibular não.

V.: A senhora então não percebeu assim, diferença fundamental...

D.: ...não.

V.: Nas alunas depois do vestibular, depois de outras exigências em termos de estudos?

D.: Num, num... eu, eu, engraçado, eu não... num, num... sabe, eu não acho que seja por isso, não. Eu acho que seja mais pela, pela coisa da pessoa, sabe? Eu, eu não acho que deve ser... agora a, a turma da Marilda sobressaiu, em tudo, viu? Me parece que até hoje. É, é uma, não é, é, iss... mas mesmo assim! Tivemos ótimas alunas, ótimas professoras.

V.: Além da Marilda, que foi depois, posteriormente professora desta Escola, a senhora se lembra de outras pessoas?

D.: Nós tivemos aqui na, na, aqui na, na, no Hospital [Hospital das Clínicas da UFMG], há pouco tempo ela ainda estava aí! Maria José Aun, viu?



V.: A senhora se lembra dela enquanto aluna?

D.: Enquan... ótima. Me parece que é da turma da Marilda. É. Maria José Aun. É, aquela ali menina também, a... gente! São poucas agora que já tão, já tão aposentando, né. Nanci, Nanci tem um aluno, tem uma filha que faz Enfermagem, é. É, é aqui do HC [Hospital das Clínicas], viu? Ela faz Enfermagem. Parece que ela tá terminando o curso. É. Então, eu, eu, num sei. Eu acho que é mais a questão da, a questão assim, do, do, da formação da pessoa.

V.: É, em 1963, já que nós estamos falando de alunas, né. Uma aluna, Delba Nepomuceno, teve um problema aqui na Escola, né. Com a Congregação. Ela encaminhou um pedido de, de revisão; parece que ela foi suspensa por algum desacato à professoras, algum problema relacionado às professoras. E, em, em vista disso ela recebeu uma punição e recorreu à Congregação da Faculdade de Medicina que coordenava a Escola na época. A senhora se lembra deste, dess... desse fato dessa ex-aluna?

D.: Me lembro bem. A, o que eu fiquei sabendo é que ela estava em estágio e largou o estágio e foi prá, para uma, uma pensão familiar, onde estava o namorado, foi o que eu soube. Chegou a, a, prá mim chegou foi essa... essa versão. Bom, foram várias as reuniões. Lembro muito bem, que professoras da Escola, doutor. Luiz Andrés também, porque não sei? Porque doutor Luís Andrés também fazia parte dessas nossas reuniões. Eu fui muito contra pelo seguinte: ela estava errada em ter deixado o estágio, por que se ela estava no estágio, é, é, ela, ela estava errada em ter deixado o, o seu paciente e ter saído para acompanhar o namorado, o que fosse. Mas não achei tão grave assim, de, de, depois, a punição, professor ir atrás, não nunca! Então, lembro bem, que foram várias as reuniões, e eu lembro bem que eu fui contra e doutor Luiz Andrés pediu que anotasse na ata, sabe? Por que eu fui a única contra\*. Isso aí não é para o meu bem que eu quero nada disso não! Eu quero o seguinte: se, são coisas que deviam ser evitadas, sabe? Ela ficou sabendo por mim mesmo, que ela estava errada em ter feito o que fez. Isso aí eu não pactuei com ela, dela ter, viu? Aí, a, a turma toda dela foi contra. Gente, esqueci o nome dessa aluna. Deve lembrar...

[pausa, conversa em off]

V.: É, a senhora depois desse, desse período teve notícia da Delba?

---

\* Contra a punição imposta à aluna.

D.: Não. A única notícia, que ela estava muito bem, havia se casado e morava em Brasília, trabalhando...

*[INTERRUPÇÃO DA FITA]*

V.: Já em, é em 63; a partir dos anos 60, a gente viu que tem vários movimentos na Escola buscando desanexar a Escola da Faculdade de Medicina, vários ofícios da ABEn, de ou... várias pessoas, né. Trabalhavam nesse sentido. Uns professores da Faculdade de Medicina eram a favor, outros eram contra. A senhora se lembra desse período?

D.: A gente não tomava parte. Era só a diretoria que tomava parte, viu? A gente não tomava parte de... dessas... dessas discussões, nada. Nem, não, num tinha...

V.: ...não, né?

D.: Não, nada.

V.: É, nós estávamos antes falando do período da Irmã Emília. Depois da Irmã Emília veio a irmã Carmem como diretora.

D.: É.

V.: A senhora se lembra da Irmã Carmem?

D.: Graças a Deus foi um período muito pequeno. Por que, pouca coisa fez, e também não, não foi boa coisa assim prá Escola não. Não só...

V.: ...em síntese, o período das freiras não foi muito bom. Tirando a irmã...

D.: ...Villac.

V.: É. Não foi um bom período na Escola?

D.: Não. Não foi.

V.: De crescimento, de...

D.: ...não.

V.: Desenvolvimento da Escola.

D.: Não. Era mais, elas mesmo. Tudo ia aí. E não se fazia de nada, elas resolviam tudo entre eles lá.

V.: A senhora se lembra do período da criação do COREN\*, da, dos movimentos da criação do sistema COREN/COFEN\*\*? Se a senhora teve alguma participação, ou ainda estava com problemas de, do marido não deixar a senhora participar?

D.: Ah! Isso, isso é, nem sei quando é que eu fiquei livre dele [risos]. Nem sei quando que eu fiquei livre dele. Então é como eu digo: “Nessa parte pessoal me prejudicou, muito, sabe?”

V.: A senhora se lembra de algum funcionário que viveu um tempo maior na Escola naquele período que tenha, que tenha desta... se destacado para senhora? Um funcionário mais antigo?

D.: Funcionário.

V.: É.

D.: Funcionária. É... eu, eu gostaria muito mas é, isso aí já é uma coisa muito, assim... não é que seja pessoal não. É dona Lígia. Dona Lígia foi... Lígia de Queiróz Guimarães\*\*\*. Foi uma pessoa incansável. Ela tanto ajudava aos alunos, ela trabalhava na, na Seção de Ensino. E é, eu vou deixar bem claro [batendo com as mãos na mesa], não precisava de vir ninguém de outra unidade aqui para a Escola de Enfermagem para ser secretária, porque além da, da, do, da capacidade que tem dona Lígia e, como que ela se esmerava no serviço de, em tudo, tudo. Então essa pessoa foi uma pessoa excepcional [batendo com as mãos na mesa] assim, para a Escola, naquele, nesse período todo, sabe?

V.: Dona Lígia aposentou como secretária ou foi substituída?

D.: Não! Ela não chegou a ser secretária. É, ela trabalhava na seção de ensino, sujeita às ordens de Alzira [batendo com as mãos na mesa]. Alzira de Souza Melo\*, é, é. Sujeta a, a coisa de professor. Gente! Professor é professor! [batendo com as mãos na mesa] Funcionária é funcionária. Tem nada uma coisa com a outra não! Chefe de seção professor! Hoje eu acho que não tem nada disso aqui não, né. Hoje deve ter, deve ter assim, na, na secretaria, deve ter assim, um, um, acredito que tenha uma chefe, né? É, mas não um professor, né?

V.: A Alzira coordenava o colegia... a, a seção de ensino?

---

\* Conselho Regional de Enfermagem

\*\* Conselho Regional de Enfermagem/Conselho Federal de Enfermagem

\*\*\* Funcionária da Seção de Ensino da Escola de Enfermagem Carlos Chagas

\* Professora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, chefe da seção de ensino.

D.: Não é, não era a seção, era a ses... Era a seção de ensino. É! Era a seção de ensino. É. Então, era subordinada a, a dona Lígia, Altamira, é. Eu também fui subordinada à Alzira.

V.: Ela era chefe?

D.: É, é, é, era considerada como chefe, alí na seção. Então, os trabalhos que dona Lígia batia, batia, corrigia, erros de professor, está entendendo? Tudo tinha que passar pela Alzira primeiro, sabe? Lógico, eu, eu, eu respeito muito hierarquias, está entendendo? Mas, umas tantas coisas, eu acho assim, um disparate, tá? Então é, é, gostaria muito de, de destacar o serviço de dona Lígia. Não só o, a ajuda que ela dava a aluno, às ex-alunas que vinham buscar papéis na seção de ensino e tudo. E, ela batia os trabalhos de professor, de Irmã Emília [batendo com as mãos na mesa] que fazia os, os, disso, daquilo, daquilo outro [batendo com as mãos na mesa]. Outros professores que também faziam [batendo com as mãos na mesa]. Irmã, a dona Lígia [batendo com as mãos na mesa], além de, de, de bater à máquina, até os erros de português (batendo com as mãos na mesa), de concordância, tudo, tudo dona Lígia ajudava.

V.: Depois D. Lígia foi prá onde?

D.: Ela, ela aposentou porque o marido estava doente. É.

**[FINAL DA FITA 3 - LADO A]**

**FITA 3 - LADO B**

V.: A senhora se lembra mais alguma coisa sobre a estrutura organizacional da Escola, depois que as freiras saíram, por exemplo? A Carmelita entrou como diretora...

D.: ...mas foi um período pouco... como é que consta aí?

V.: De transição, de 66 ela entrou como diretora, até que foi eleita a diretora. Tudo isso em função da reforma universitária. E a primeira diretora depois dela foi a Dona Isaltina.

D.: É, então a Carmelita deve ter sido com a saída...

V.: .....da Irmã Carmem.

D.: É, da Irmã Carmem. A Tereza, a Tereza depois era nossa secretária.

V.: Pois é, a Tereza foi antes...

D.: ...antes da...

V.: Mas, ela teve outras funções, né?

D.: Sim, sim.

V.: A senhora se lembra o que que ela era?

D.: Não, eu lembro mais dela nossa secretária, depois foi a...

V.: ...Edelvira.

D.: Edelvira. Também uma pessoa que... ajudou muito a Escola, assim, então... é uma pessoa também que deve ser assim, sabe? O trabalho dela foi muito bom, muito bom. Aju... ajudava muito as professoras mulheres, demais!

V.: Então depois que a, nesse período de direção da Carmelita, depois da D. Isaltina, alguma coisa de, tipo mais importante que a senhora se lembra?

D.: Não lembro.

V.: Não se lembra.

D.: É, não lembro.

V.: Do período da Caé... da Caemg, o trabalho na Escola no, na, no Hospital das Clínicas?

D.: [inaudível] não me lembro, não me lembro. Por que... a gente já, a gente não conseguia. Mas isso aí eu acho que não foi nada por causa das reformas não. Foram os estágios, é. A dificuldade para estágios. Mas, era uma queixa geral. Era a, os estudantes de Medicina queixavam, vários estudantes. Então, não acredito que tenha sido por causa de reforma, não. Eu acredito que tenha sido pelas, pelas circunstâncias. Agora, nós tivemos, nós mantivemos vários, vários locais, não é? Para alunos, tínhamos aqui o... bom, isso aí já é até o final mesmo, não é?

V.: Sim, neste período. É.

D.: Pois é. Aí nós já tínhamos, tínhamos o, a Santa Casa. Levamos as alunas lá na Santa Casa, no Hospital das Clínicas, não é? E, tínhamos professoras, não é, que lev... que iam... umas, umas professoras mantinham até, não é? Estágios no, como é que é? A Van... a Val... a... [batendo com as mãos na mesa] gente!

V.: A Vânia.

D.: A Vânia.

V.: Vânia Travasso.

D.: A Vânia não é? Mantinha estágios, não é? [batendo com as mãos na mesa] Para o, para os alunos novos. É, vários professores e tudo, mantinham. Nós também, aqui, aqui no do, aqui no, no... elas mantinham. A Alzira, a Laíde... isso foi antes. Isso foi um período antes. Agora que eu estou lembrando. A Alzira, a Laíde, Iole, Vitória, Gercí...

V.: É o período da Caemg.

D.: Ah!

V.: Lídia...

D.: ...Lídia! Ah, gente!

V.: A senhora não participava desse grupo de professores que estava com esse projeto no Hospital da Clínicas.

D.: Não, não, não.

V.: Esse período a senhora ficava com aluno onde? A senhora se lembra? Que já é na década de sessen... 70? Os últimos anos da senhora na Escola. Vamos falar um pouquinho sobre este último período.

D.: Como é que... estava no, em métodos, aí já era métodos e técnicas. Tinha... tinha também aquela menina, a, a Míriam, Míriam Biaso, Míriam...

V.: ...Ferretti.

D.: Ferretti.

V.: A senhora foi professora é, em estágio no Hospital da Previdência, a senhora se lembra?

D.: Também. É, ali era a Rizoneide, eu... é, Rizoneide e eu, né. Em, em um andar. Quarto andar. É, me parece que... foi, no 4º andar. Foi um período muito bom, nós levamos alunas, é. E, foi, e tudo nessa época.

V.: Já no final.

D.: Ah! Foi! É.

V.: Década de 70.

D.: Pois é. Agora, essa história dessa... pois é, não, não éramos, não eram todas as professoras, não.

V.: Não, era um grupo de professoras.

D.: É só um grupo. Não. Eu não fazia parte não.

V.: Muito bem. Mais o que que a senhora gostaria de falar nesse último período da senhora na Escola? Antes da senhora aposentar. Como é que, como é que era? As mudanças que a senhora já observou, já na década de 80. Como é que era viver na Escola já no finalzinho com um monte de professoras novas. Que entrou muitas.

D.: Pois é,

V.: Entraram muitas professoras...

D.: ...ótimo...

V.: ...novas depois de...

D.: ...é...

V.: ...sess... 74.

D.: É.

V.: Por aí teve um número muito grande de alunas e obviamente uma admissão grande de professores.

D.: É. Bom. Fizemos os cursos também. É. Ah! Eu não sei em que período que foi. Nós tivemos um cur... uma atualização em fisiologia. Não tem nada disso não, né. Fizemos. Eu não terminei o curso. Um, um, um grupo de professores. Fizemos aqui na, na, na, Escola de Medicina. Atualização em fisi... em fisiologia. Um curso ótimo. Um grupo bom de professores. Eu não terminei o curso porque meu pai morreu justamente naquela época. Mas tivemos professores muito bons, foi um curso muito bom.

V.: A senhora lembra a época, o ano mais ou menos?

D.: Pois é, não lembro.

V.: Ai, o ano da morte...

D.: ...é não lem... é, vou lembrar da época que papai morreu... mas, Marilda. Lembro muito bem, Marilda fazia parte. Era um grupo de professores. Marilda fazia parte desse grupo. É. Foi um... foi muito boa. Foi boa essa atualização. Não era só em fisiologia não, gente! Atu... eu lembro em fisiologia, mas não era só em fisiologia não. Foi um curso muito bom. Foi proporcionado pela Faculdade de Medicina, às, aos professores da Escola de Enfermagem.

V.: É... dona Daura, uma coisa que eu me lembro bem da senhora nos últimos tempos na Escola, e aí eu já era professora também. Aluna primeiro e depois professora. É, nas campanhas eleitorais, conta prá gente [risos]. A senhora era...

D.: [risos] ...então deixa eu contar primeiro uma coisa, que eu ia contar e esqueci. Olha, o que eu gostei demais com esses curri... não sei o que e tudo, então...

V.: ...com esses o que?

D.: É... com esses... conhecimentos novos, né?

V.: Sei.

D.: É. De currículos e de coisa e tudo... é, eu sempre vi o meu paciente como ele todo. Mas, nós nunca, o, o, o nosso, o, o, aliás o meu, né. Aí tem que falar meu. O meu curso de enfermagem não foi visto assim. Foi visto assim, as técnicas de enfermagem isoladas, e depois não. Que eu achei extraordinário, é ver o paciente como um todo. Então isso, nós aplicamos aqui, aqui no, no Borges da Costa\* e na parte de curativos. Então já, nós ficamos com essa parte. Já o meu finalzinho. Eu, essa parte de curativos. Agora, hoje eu penso o seguinte: Nun... in... infelizmente hoje, porque na época se era porque a gente é assim [gesto com as mãos nas têmporas], faz o que mandam, não é? Por que nós tivemos um período só de fazer o que mandam. Então, mas nós queríamos, porque quantas vezes chegasse aquele paciente, que vontade de dar um banho nele primeiro, viu? E depois, fazer o curativo e tudo. Então isso a gente não tinha voz ativa prá isso [batendo com as mãos na mesa]. Ou então, aqui Dr. Dilson, morreu, né. É.

V.: Eu não sei.

D.: Ah! Você não conheceu o Dr. Dilson?

V.: Conheci de nome, mas eu não me lembro.

D.: Eu soube que morreu. Já tem muitos anos. Mas como morreu, num precisa saber não. Então [batendo com as mãos na mesa], essa parte é que hoje eu fico pensando: "Gente [batendo com as mãos na mesa], a Escola de Enfermagem podia ter... [batendo com as mãos na mesa] manter ainda essa parte." Era no ambulatório. Mas aí, o que eu gostei demais disso tudo é a, é ver o paciente, ele todo. Todo.

V.: A senhora acha que a Wanda de Aguiar Horta\* influenciou o ensino nesse sentido de ver o paciente como um todo?

D.: É, assim, transmitiam prá nós, né. E eu não conheci. Ela morreu? Não conheci dona Wanda. Mas, o que transmitiam, o que a, a, as alunas transmitiam prá nós era

\* Anexo do Hospital das Clínicas.

\* Enfermeira brasileira, teórica da Enfermagem.



essa parte. Nós tivemos outros, outros cursos também, daqui. Não falam nada sobre esses cursos! Sim!

V.: Quando a senhora fala as alunas, a senhora quer dizer as alunas daqui que foram fazer pós-graduação?

D.: É, é.

V.: Em São Paulo com a Wanda.

D.: É, é.

V.: E voltaram com um conhecimento novo, interferindo então nessa visão do paciente?

D.: É, é. Nessa visão. Então, isto eu achei uma maravilha, viu? É o que faltava prá nós. Aí, nós procuramos transmitir... para os alunos. Por que, nós víamos mesmo a parte assim, curativo, curativo [batendo com as mãos na mesa], injeção endovenosa, injeção, então, não é? Agora uma outra pergunta que você me fez que eu não gostaria de ficar sem resposta. Quando as..., Bom, teve um período, um pouco antes do, do, me aposentar. Que é, é, eu queria aposentar, mas quando as professoras novas chegaram, eu me apeguei às novas e larguei as velhas. É, estava cansada delas, e então larguei, aí já não podia falar mais em aposentadoria comigo. Por causa das novas. Por que eu ficava indignada quando chegava uma professora, chorando por causa de aluno que tinha desrespeitado elas entre... porque? Tinha desrespeitado professoras ótimas, que nós temos. Agora, eu estava doida prá ficar livre das antigas. Não queria mais nada com elas. Eu queria aposentar. E uma, e uma não era tão antiga assim não! Eu disse a ela: a Rizoneide, eu queria aposentar [batendo com as mãos na mesa] por causa dela. Ela foi minha chefe, minha chefe [inaudível]. Mas, ela foi minha chefe, aqui, né, no núcleo, núcleo, nem sei, aqui em cima. Era núcleo. Então eu disse a ela que eu queria me aposentar. Uma das razões era ela. É, a pessoa dela, que me incomodava. Ela ficou sabendo. Isso aí pode constar porque ela ficou sabendo, não guardo mágoas não.

V.: Essas professoras que chegaram chorando, que a senhora coloca. A senhora até ficou bastante emocionada quando falou isso...

D.: ...ah! Sim.

V.: Eram professoras novas ou professoras antigas?

D.: Novas! As novas!

V.: Que tinham problemas com as antigas?

D.: Não! Com os alunos dentro de...

V.: ...dentro de sala.

D.: É. Eu tive problema com aluno, né. Uns que, que já eram, eram atendentes e tudo. Então, me lembro muito bem, me lembro. É, é, eu sei quem é ele, homem. Não, não é que é homem não! Não é por isso não! [risos] Eu estava ensinando curativos e ele deu lá os palpites lá [batendo com as mãos na mesa]. É, não lembro mais do nome dele! Aí eu disse: “O que que é? Eu ensino o certo. Você deve fazer desse modo. Você tá achando que é que... agora, eu estou ensinando o certo, viu? Agora, não querendo a, é, é, quer dizer [batendo com as mãos na mesa], continuar assistindo aula, ali a porta.” Agora, falavam o mesmo com essas professoras novas. Os alunos! Viu? E professoras ótimas.

V.: Hum.

D.: Mais do que nós. Essas mais novas mesmo, sabe?

V.: A senhora lembra do primeiro aluno do sexo masculino que entrou nessa escola? A senhora falou de aluno.

D.: É, é. Ai, era, era até farmacêutico, não é ele?

V.: O Henrique?

D.: Não, não, não. Até bonitão, casa... lembra? Vê aí [apontando para os papéis na mesa].

V.: Não tenho.

D.: Ah! Mas aqui tem! [pegando os papéis com a relação de ex-alunos] Aqui tem!

V.: Tem, mas teria que procurar.

D.: Ah! Gente!

### *[INTERRUPÇÃO DA FITA]*

V.: Bom. Voltando. É, eu estava colocando que eu me lembro muito bem senhora aqui na Escola nos últimos tempos [risos] como cabo eleitoral [risos] do departamento da Escola. Toda eleição que tinha a senhora começava a trabalhar, a procurar, a apoiar

aquela pessoa que a senhora queria que ganhasse. Fala um pouco prá gente desse período de eleição. E essa sua função de cabo eleitoral que faz falta até hoje [risos].

D.: [risos] Era mesmo. As vezes começava na surdina. Mas, depois não tinha jeito. Então, é, é, eram as minhas escolhidas e, eu fazia mesmo a cabeça. Não sei se certo ou errado. Inclusive, uma das últimas eleições, né. É, é, eu mandando as pessoas, as alunas indo lá para a ABEn prá se inscreverem, né. E, afinal nós até perdemos [risos] aquela eleição. Mas valeu, valeu. Isso... eu não me arrependo de ter feito. Por que muita gente que não queria, eu tinha minhas razões. E uma coisa eu quero deixar bem claro, que antes de eu sair da Escola de Enfermagem, chamei algumas das novas, porque as antigas eu já conhecia umas às outras. E falei: “Cuidado com fulana, cuidado com fulana, cuidado com fulana, é.” Depois eu fiquei muito satisfeita porque das poucas vezes que eu voltei aqui, me perguntaram porque eu falei cuidado com a fulana, cuidado! Então, vivência, por vivência. É, que a gente não deve ir só prá carinhas boas não! Nem blá, blá, blá, não. Isso é que eu gostaria de deixar prá todos. E eu tentei deixar prá, prá, das muitas professoras novas.

V.: Verdade.

D.: Tá bom?

V.: Ta bom! Nós queremos agradecer então, a participação da senhora. Foi muito rica a sua contribuição.

*[FINAL DA ENTREVISTA]*

## Ficha Técnica

Data: 27 de agosto de 1995

Local: Residência da entrevistada

Nº De Fitas: 03

Duração: 150 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha dos Santos

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos